

APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA NA INFÂNCIA: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DO PROFESSOR

SECOND LANGUAGE LEARNING IN CHILDHOOD: COGNITIVE DEVELOPMENT AND REFLECTIONS ON THE TEACHER'S ROLE

APRENDIZAJE DE UMA SEGUNDA LENGUA EM LA INFANCIA: DESARROLLO COGNITIVO Y REFLEXIONES SOBRE EL PAPEL DEL DOCENTE

Julia Rodrigues Gentil¹
Renato Batista Ferro²

RESUMO: Iniciar a aprendizagem de uma segunda língua na infância é um aspecto a ser refletido no contexto atual, isso porque, a globalização possibilita a expansão da compreensão do mundo, considerando a linguagem como mediadora entre todos. Com isso, este estudo tem como objetivo realizar um levantamento teórico a fim de compreender a importância de se aprender um novo idioma, durante a infância e na escola, expandindo-se a analisar o desenvolvimento cognitivo das crianças que aprendem uma segunda língua. É necessário, ainda, destacar que a complexificação mental advinda da aprendizagem de língua estrangeira auxilia o desenvolvimento criativo durante as atividades, bem como possibilita a antecipação do realismo nominal. Para que todos esses aspectos do campo cognitivo sejam alcançados, é preciso que haja a mediação de um professor, que entenda o desenvolvimento da linguagem e das mudanças psíquicas promovidas pela aprendizagem de outra língua. Por fim, com este estudo, pretende-se contribuir com novas reflexões acerca do desenvolvimento cognitivo das crianças a partir de contribuições de aprendizagens de uma língua estrangeira, bem como mostrar que tal ensino não traz malefícios cognitivos para as crianças desde a Educação Infantil, pois haverá uma mediação de um profissional da educação básica com formação completa e crítica.

929

Palavras-chave: Educação bilíngue. Desenvolvimento cognitivo. Formação docente.

ABSTRACT: Starting to learn a second language in childhood is an aspect to be reflected in the current context, considering that globalization allows the expansion of understanding the world, considering language as a mediator between people. Therefore, this study aims to carry out a theoretical survey in order to understand the importance of learning a new language, during childhood and at school, expanding to analyze the cognitive development of children who learn a second language. It is also necessary to highlight that the mental complexity arising from foreign language learning helps creative development during activities, as well as enabling the anticipation of nominal realism. For all these aspects of the cognitive field to be achieved, it is necessary to have the mediation of a teacher, who realizes the development of language and the

¹ Graduação em Pedagogia – Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto, E-mail: juliargentil@gmail.com.

² Graduação em Pedagogia – Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto, Graduando em licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – UNIVESP. Especialista em Metodologias e Práticas Educativas no Ensino Fundamental – Faculdade Campos Elísios, E-mail: renatobatista1999@gmail.com.

psychic changes promoted by the learning of another language. Finally, with this study, it is intended to contribute with new reflections about the cognitive development of children from the development of learning a foreign language, as well as to show that teaching doesn't bring cognitive harm to children since kindergarten, because there will be a mediation of a basic education professional with complete and critical training.

Keywords: Bilingual education. Cognitive development. Teacher education.

RESUMEN: Empezar a aprender una segunda lengua en la infancia es un aspecto a tener en cuenta en el contexto actual, pues la globalización permite ampliar la comprensión del mundo, considerando la lengua como un mediador entre todos. Con esto, este estudio tiene como objetivo realizar un levantamiento teórico con el fin de comprender la importancia del aprendizaje de un nuevo idioma, durante la infancia y en la escuela, ampliándose para analizar el desarrollo cognitivo de los niños que aprenden un segundo idioma. También es necesario resaltar que la complejidad mental derivada del aprendizaje de lenguas extranjeras ayuda al desarrollo creativo durante las actividades, además de posibilitar la anticipación del realismo nominal. Para que todos estos aspectos del campo cognitivo se logren, es necesario contar con la mediación de un docente, que comprenda el desarrollo del lenguaje y los cambios psíquicos que promueve el aprendizaje de otra lengua. Finalmente, con este estudio se pretende contribuir con nuevas reflexiones sobre el desarrollo cognitivo de los niños a partir de los aportes del aprendizaje de una lengua extranjera, así como demostrar que dicha enseñanza no trae perjuicios cognitivos a los niños desde el jardín de infancia, pues habrá ser una mediación de un profesional de la educación básica con formación completa y crítica.

Palabras clave: Educación bilingüe. Desarrollo cognitivo. Formación docente.

INTRODUÇÃO

Iniciar a aprendizagem de uma nova língua é essencial para haver a comunicação e o contato com o mundo globalizado, o que possibilita conhecer diversas pessoas, culturas e expandir nossa visão de mundo. Partindo desse contexto, o ato de aprender uma nova língua desde a infância, faz-se desejável tendo em vista não apenas o contato com o próprio mundo, mas também o desenvolvimento integral que essa aprendizagem pode proporcionar às crianças. Utilizando-se das ideias de Megale (2005), entende-se o desenvolvimento a partir de um processo complexo, e se expande principalmente aos processos linguístico e cognitivo. Logo, este trabalho busca compreender e introduzir pesquisas feitas sobre as vantagens cognitivas que crianças bilíngues apresentam desde a infância.

Diante disso, a educação também é influenciada por essa percepção global, havendo diversos cursos de idiomas e escolas que oferecem uma educação bilíngue, as quais proporcionam a aprendizagem de uma segunda língua para essas crianças. Para que haja um ensino significativo, o professor é fundamental a fim de auxiliar as crianças. A partir dessa ideia, o atual trabalho discute o papel desse docente e quem deve ser, no contexto da Educação Básica, captando que é

fundamental uma preparação sólida para que as crianças consigam desenvolver os processos cognitivos de maneira eficiente.

MÉTODOS

Perante a metodologia, o presente trabalho foi realizado a partir de revisões de literatura. De acordo com Bento (2012), a revisão de literatura é uma parte importante da investigação e definição dos problemas. Para isso, os artigos foram pesquisados no site Scielo, buscando-se pelas palavras-chave: "educação bilíngue", "desenvolvimento cognitivo" e "formação docente". Já em relação aos critérios, foi entendido como necessários artigos acadêmicos que explicassem os objetivos pretendidos do projeto, englobando noções de vantagens cognitivas que aprender uma segunda língua na infância proporciona às crianças, bem como a formação de professores nessa área.

Ainda nesse sentido, é importante destacar que este artigo foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de licenciado(a) em Pedagogia, no Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto, em Araras/SP, e seu aceite foi realizado pelo comitê de ética em pesquisa da mesma instituição, cujo número de inscrição é 279/2021.

DISCUSSÃO

A escola, enquanto instituição que prioriza a educação, sempre foi considerada um local em que todos têm a oportunidade de aprender e socializar, a fim de desenvolver cada indivíduo integralmente. Nesse contexto, muitas aprendizagens ocorrem durante o processo de escolarização, e, uma das mais necessárias aprendizagens que a escola se preocupa é em relação ao conhecimento da linguagem, pois, no contexto atual de educação, entende-se que “o domínio da linguagem verbal, seja ela escrita ou falada, possibilita a construção de novos saberes, conceitos, paradigmas que aperfeiçoam a ação humana e pode tornar o homem um sujeito esclarecido” (DIAS, 2014, p. 02).

Percebe-se, portanto, que a linguagem é um elemento essencial para que os estudantes consigam se desenvolver, tanto no campo social quanto no campo de aprendizagens. Isso traz uma percepção de que saber a língua materna é fundamental para aprender mais, bem como refletir e socializar com outras pessoas. Entretanto, é necessário pensar mais além sobre a questão do desenvolvimento da língua, uma vez que vivemos em um contexto globalizado. Isso significa que ter contato com diversas pessoas e com diversas culturas traz uma expansão da percepção, bem como do modo de pensar e agir, resultando também em novas construções de conhecimento.

Tendo em vista essa ideia, a Língua Inglesa é uma das línguas mais faladas por todos, resultando em uma necessidade atual para aprendê-la. Tal valorização da língua, atualmente, estende-se também à educação formal, que acontece nas instituições escolares. Muitas escolas, principalmente privadas, desde a Educação Infantil, oferecem um ensino pautado na educação bilíngue para as crianças (FILIZOLA, 2019) a fim de atender às necessidades atuais.

Primordialmente, antes de analisar as questões cognitivas que a aprendizagem da língua estrangeira possibilita aos alunos, faz-se preciso entender alguns conceitos elementares e certas problematizações. A educação bilíngue, a qual ocorre em instituições próprias na Educação Básica, normalmente em escolas particulares, tem suas bases complexas e possui diferentes propostas, como diz Megale (2005). Essa pesquisadora da área da educação bilíngue descreve que essas diferenciações acontecem devido a diversas questões, podendo ser sociais, políticas, econômicas, entre outras, dependendo de cada país. Isso possibilita que haja uma divergência no significado e definição de educação bilíngue, permitindo que as escolas trabalhem de sua maneira, pois, além disso, nota-se que não há nenhuma lei ou regimentos vigentes que tratem sobre o assunto, tendo em vista a aprendizagem da Língua Inglesa desde a Educação Infantil.

É nesse sentido em relação a uma falta de documentos legais da área educacional sobre o bilinguismo que surge uma dicotomia de ideias: enquanto este trabalho visa mostrar como a aprendizagem da Língua Inglesa desde a idade pré-escolar possibilita diversos desenvolvimentos do psiquismo humano, a legislação brasileira vai de encontro a tal visão, pois, “na BNCC, a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa” (BRASIL, 2018, p. 63), isto é, a aprendizagem do Inglês só acontece após os anos iniciais, em que os estudantes já possuem uma idade avançada na infância.

Vale, portanto, considerar essas informações e refletir sobre o início da aprendizagem a partir das idades dos estudantes. Isso porque, uma criança, que já está perto da adolescência, começará a ter aulas de Língua Inglesa na escola a partir do 6º ano terá o mesmo desenvolvimento das capacidades cognitivas do que uma criança que, desde seus primeiros anos, já tem contato com a língua estrangeira? É nessa fala, a qual contraria o que a base legal propõe (BNCC), que endossa a discussão sobre o desenvolvimento cognitivo que o bilinguismo proporciona aos pequenos, antes mesmo do ingresso ao Ensino Fundamental.

Logo, a fim de que ocorram características desenvolvidas no plano cognitivo, o cérebro é um importante aliado da criança. Isso é explicado porque no período da infância, “[...] as ligações

entre os neurônios levam um pouco mais de tempo para se formar por completo dentro das crianças, [...] sendo assim o melhor momento para elas começarem a dar início a aprendizagem de um novo idioma” (GONÇALVES, 2009, p. 2 e 3). Corroborando essa ideia:

[...] um momento no desenvolvimento infantil em que o cérebro é mais facilmente estruturado e modificado é chamado de **plasticidade cerebral**, no qual uma imensa quantidade de interconexões se forma e modifica estruturalmente o cérebro... (NOBRE e HODGES, 2010, p. 183, grifo nosso).

Essa plasticidade mencionada resulta em janelas de oportunidades para as crianças, propiciando um bom período da vida para desenvolver novas habilidades e competências. De imediato, a primeira vantagem cognitiva que uma criança bilíngue tem em relação a uma monolíngue é sobre as funções executivas. Essas funções são ganhas a partir da aprendizagem da língua estrangeira, tendo em foco o Inglês, e permite que os estudantes desenvolvam “habilidades cognitivas no planejamento, iniciação, no seguimento e no monitoramento de comportamentos complexos” (LIMBERGER e BUCHWEITZ, 2012, p. 70).

O controle inibitório é a primeira função executiva desenvolvida e mais importante no processo de ensino e aprendizagem, pois tal função permite que as crianças consigam ter um melhor nível de atenção em relação às atividades que cumprem. Bialystok (2007) confirma essa informação feita a partir de suas pesquisas e diz que essas crianças conseguem ter um foco melhor na execução de atividades, além de conseguirem rejeitar e ignorar informações e distrações de uma maneira mais rápida do que crianças monolíngues. Para Nobre e Hodges (2010, p. 184), “a justificativa para este bom desempenho é que o uso regular de duas línguas requer um maior mecanismo de controle atencional e seleção de linguagem”. Logo, percebe-se que o desenvolvimento mental das crianças que aprendem uma segunda língua se torna complexo à medida que as aprendizagens linguísticas são desenvolvidas.

Considerando outro ponto do desenvolvimento cognitivo, a questão da criatividade se faz presente. Para essa afirmação, Mendonça e Fleith (2005) realizaram uma pesquisa com diversos alunos de uma escola particular e aplicaram alguns testes lúdicos; estes, por sua vez, pediam que as crianças procurassem maneiras de tentar melhorar um brinquedo e também pediam para que as crianças pensassem em novas possibilidades para o uso de uma caixa de papelão. Além disso, outros menores testes requisitavam completar figuras com retas para formar novos desenhos e desenhar novos objetos apenas com linhas retas.

Nesses testes, após a análise e separação dos resultados de alunos que eram bilíngues e os de que não eram, percebeu-se que os estudantes que se utilizavam do Inglês tinham um melhor desenvolvimento criativo, pois conseguiam ter um estímulo figurativo, ou seja, conseguiam ter a

capacidade de criar novos desenhos e dar novas representações e significados a eles, nível em que os monolíngues também desenvolveram, porém em uma menor totalidade.

Prosseguindo, outra vantagem cognitiva e, finalmente, a última desta revisão de literatura, é sobre a percepção metalinguística. A fim de promover tal desenvolvimento, o controle inibitório é um elemento sumário, pois influenciará, a partir do campo atencional, uma melhor análise da relação entre o signo e o objeto. Isso quer dizer que essa percepção é antecipada em crianças bilíngues (FLORY e SOUZA, 2009). Essas autoras, recorrendo aos estudos de Baker e Prys-Jones (1998), concluem que pode haver uma relação entre essa antecipação com a antecipação do pensamento operatório, termo utilizado por Piaget nos seus estudos da Psicologia. Isso significa que as crianças bilíngues, as quais aprendem o Inglês desde a tenra idade, conseguem se antecipar em aspectos da Psicologia Genética, considerando novamente as contribuições de Flory e Souza (2009).

Essa afirmação pode ser concluída utilizando o ensaio de Nobre e Hodges (2010), em que as pesquisadoras abordam algumas questões da alfabetização e do letramento associadas aos aspectos psicológicos. A antecipação do pensamento operacional é refletida diretamente ao discutir que as crianças bilíngues conseguem superar o realismo nominal (PIAGET, 2008) de uma maneira mais fácil e eficaz, isto é, essas crianças superam tal obstáculo comum no estágio pré-operatório, ocorrendo a antecipação do pensamento operacional. Por fim, as autoras explicam:

Isso porque, quando a criança bilíngue se depara com dois significantes para o mesmo significado, ela pode compará-los, descobrindo essas “irregularidades”. A palavra “formiga” e sua tradução para língua inglesa “ant”, quando comparadas pela criança, demonstram que objetos pequenos podem ser representados por palavras grandes ou pequenas, porque não há uma relação lógica entre o tamanho do objeto e sua representação escrita. (NOBRE e HODGES, 2010, p. 187)

Nesse sentido, considerando as ideias das autoras citadas, entende-se que o ensino de uma segunda língua na infância auxilia os estudantes a superar uma das dificuldades no processo de alfabetização e letramento. Ao conseguirem superar com facilidade o realismo nominal, as crianças mostram que elas sabem realizar uma identificação de que a representação escrita não tem uma ligação ao objeto físico, característica do estágio operatório.

Concluindo esta primeira discussão, nota-se que a aprendizagem de uma segunda língua também cumpre um papel importante ao contradizer e desmistificar o senso comum, em que este diz que ensinar uma nova língua acaba prejudicando os estudantes. É claro que, durante este processo de aprendizagem, pode haver dificuldades, como a mudança de código. Entretanto, isso se configura como algo natural para o “falar bilíngue” (MELLO, 1999 apud FLORY e SOUZA, 2009, p. 50). Além disso, todos, principalmente da área da educação, necessitam entender esse

processo, tendo em vista a aquisição de linguagem.

Após a discussão sobre as vantagens cognitivas que a aprendizagem de uma língua na infância possibilita às crianças, também se faz preciso refletir acerca do papel do professor em uma educação bilíngue, isto é, analisar sua formação, além de relacioná-la às indicações legais. Para isso, considerando a Língua Inglesa como afluente para tal concepção de educação, deve-se haver um questionamento constante, o qual implica refletir se um professor apenas que ministra a língua estrangeira seria capaz de ensinar às crianças e lidar com elas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com Faria e Sabota (2019, p. 254), o curso de Letras “[...] forma professores para atuar nas áreas de línguas e literaturas, do sexto ao nono ano e Ensino Médio, não oferecendo disciplina de capacitação especificamente para nenhum grupo etário [...]”. Por outro lado, também deve ser considerado o que o curso de Pedagogia pode desenvolver naqueles que o estudam.

O papel do curso de Pedagogia é formar o docente como profissional responsável para atuar com alunos da Educação Infantil, do primeiro ao quinto ano e matérias pedagógicas para formação docente, proporcionando instrução didático-pedagógica para lidar com contextos monolíngues. (FARIA e SABOTA, 2019, p. 254).

Percebe-se, portanto, que existe uma dualidade que se opõe à ideia do que uma educação bilíngue oferece. Enquanto o curso de Letras foca mais no estudo da língua para estudantes maiores, o curso de Pedagogia foca no ensino monolíngue, ou seja, no tradicional, que não apresenta uma língua estrangeira aos menores. A partir disso, surgem outros questionamentos: como superar essa dualidade? Quem seria o professor que ministraria essas aulas?

Inicialmente, a fim de que haja respostas sobre a dualidade, Tonelli, et al. (2017) nos esclarecem que existe ainda uma falta de grades nos cursos supracitados, ou seja, os de licenciatura, que influenciam na atuação profissional dos seus egressos na educação bilíngue, faltando uma certa integração entre ambos. Novamente para Faria e Sabota (2019), outra chance de tentar acabar esse problema seria repensar um pouco a carga horária de estágio dos cursos, os quais se mostram muito inflexíveis. Outro ponto de vista das autoras que é interessante e deve ser considerado é de uma oferta de cursos interdisciplinares nas áreas da Pedagogia e Letras, na modalidade *lato sensu*.

Proposto o começo, os poucos profissionais que atuam na educação bilíngue costumam ter um certo perfil que os caracterizam:

Há alguns casos de professores terem dupla licenciatura, em Letras e em Pedagogia, juntamente com a fluência na língua, ou que têm uma dessas duas graduações e buscaram cursos de pós-graduações *lato sensu* em ensino de línguas para crianças, no entanto, esses casos são exceções. (FARIA e SABOTA, 2019, p. 256)

Entretanto, adentrando à legislação sobre educação bilíngue, as escolas costumam definir

o que será ensinado, bem como as metodologias e afins. Estas, se praticadas sem reflexão crítica, podem levar a uma falha do ensino, a qual influenciou o mito de que o bilinguismo traz malefícios aos pequenos estudantes (NOBRE e HODGES, 2010). Mas, em contrapartida, desde julho de 2020, o Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica publicou um novo parecer que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue, em que a LIBRAS, as diversas línguas indígenas e o Inglês estão em foco para serem discutidos e normatizados.

Mesmo ainda aguardando homologação, esse documento nos traz importantes informações acerca do papel do professor em uma sala de educação bilíngue. Primordialmente, toda escola bilíngue deve ter um currículo integrado que integre e ministre as aulas nas duas línguas. Além disso, também deve haver uma carga horária específica para cada etapa da Educação Básica. Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as atividades bilíngues devem estar entre 30 e 50% de todas as atividades previstas.

Diante disso, chega-se à formação dos professores que ministrarão as aulas em língua adicional nessas etapas (Equivalência ao Inglês). O profissional tem de ter formação em Pedagogia ou Letras, proficiência B2³ e ter formação complementar, ou seja, pós-graduação em Educação Bilíngue.

Por fim, percebe-se que a formação de professores para a educação bilíngue caminha de maneira efetiva para um melhor desenvolvimento do ensino de língua estrangeira. Com a nova medida legal que influencia e delimita a formação docente, os aspectos e vantagens cognitivas descritas na parte inicial deste trabalho podem ser desenvolvidas e estimuladas cada vez mais, favorecendo diretamente as inteligências dos estudantes, bem como suas capacidades gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto até aqui e atendendo aos objetivos propostos, nota-se que a aprendizagem de uma segunda língua na infância, dando ênfase à Língua Inglesa, é de suma importância para o desenvolvimento de uma criança. Isso ocorre tendo em vista que, não só tal conhecimento é valorizado socialmente no mundo globalizado, mas também porque essa aprendizagem possibilita que novos desenvolvimentos no campo da cognição aconteçam, os quais podem ser denominados como vantagens cognitivas. Logo, estas se refletem em uma função executiva, dando ênfase ao controle inibitório infantil, isto é, um desenvolvimento da atenção que facilita a realização de

³ Nível de proficiência em Inglês pela *Common European Framework for Languages* (CEFL).

atividades escolares; essas vantagens também ajudam no processo de criatividade infantil e, por fim, antecipam o estágio operatório, em que os estudantes entre 4 e 5 anos conseguem superar o realismo nominal mais facilmente, pensando no campo da alfabetização e do letramento.

Nesse sentido, por mais que as principais legislações brasileiras, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular, não abordam a aprendizagem de Língua Inglesa desde a Educação Infantil, é preciso discutir a formação docente, pois é nítido o aumento de escolas que oferecem essa educação. Logo, há propostas sobre um intercâmbio entre discentes dos cursos de Letras e Pedagogia, bem como uma flexibilidade nas grades curriculares, visando que todos os futuros professores entendam as questões teóricas e práticas dessas áreas, correlacionando-as. Além disso, considerando o advento das Diretrizes Curriculares Nacionais para oferta da Educação Plurilíngue, documento recente no campo da educação, percebe-se que pode haver uma normatização legal a fim de tornar formal a educação bilíngue, em que os profissionais dessa área devem possuir graduação em Pedagogia ou Letras, proficiência em Língua Inglesa e com pós-graduação na área tematizada.

REFERÊNCIAS

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JÁ (Associação Acadêmica da Universidade de Madeira)**, nº 65, ano VII, 2012. (p. 42-44). ISSN: 1647-8975. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

BIALYSTOK, E. **Cognitive effects of bilingualism**: how linguistic experience leads to cognitive change. In: *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*. [s.c.], v. 10, [s.n.], 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2167/beb441.o>. Acesso em: 25 set. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue**. Parecer CNE/CEB nº 02/2020. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DIAS, R. H. Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin. In: *REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL SUL*, 10, 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, out. 2014, p. 01-18. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-o.pdf. Acesso em: 11 maio 2021.

FARIA, M.; SABOTA, B. Desafios da formação de professores para a Educação Infantil bilíngue. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 244-264, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/download/65814/39810+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FILIZOLA, P. Dados registram aumento na procura por ensino bilíngue no Brasil. **Metrópoles**, 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conteudo-especial/educacao-do-amanha-2019/dados-registram-aumento-na-procura-por-ensino-bilingue-no-brasil>. Acesso em: 24 abr. 2021

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. Bilinguismo precoce e desenvolvimento infantil sob a perspectiva da psicologia genética: resenha de literatura. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, [s.n.], p. 41-61, fev. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/3529/2298>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GONÇALVES, R. M. A necessidade de incentivar a aprendizagem da Língua Inglesa desde a infância. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, Guarujá, [s.v.], [s.n.], out. 2009. Disponível em: https://www.faculadadedondomenico.edu.br/artigo2_ed2. Acesso em: 1 out. 2020.

LIMBERGER, B. K.; BUCHWEITZ, A. Estudos sobre a relação entre bilinguismo e cognição: o controle inibitório e a memória do trabalho. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 67-87, dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/12253/8833>. Acesso em: 05 out. 2020.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 3-13, ago. 2005. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

MENDONÇA, P. V. C. F. FLEITH, D. S. Relação entre criatividade, inteligência e autoconceito em alunos monolíngues e bilíngues. **Revista Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 59-70, jun. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 out. 2020.

NOBRE, A. P. M. C.; HODGE, L. V. S. D. A relação bilinguismo-cognição no processo de alfabetização e letramento. **Ciências & Cognição**, Recife, v. 15, n. 3, p. 180-191, out. 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/386>. Acesso em: 17 out. 2020.

PIAGET, J. **A representação do mundo da criança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ideias e Letras, 2008; 328p.

TONELLI, J. R. A., et al. **Ensino e formação de professores de línguas estrangeiras para crianças no Brasil**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2017. 320p.